ISSN Impresso 1809-3280 | ISSN Eletrônico 2177-1758
www.esmarn.tjrn.jus.br/revistas

DIREITO E LIBERDADE

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORIGEM DA FILOSOFIA

CONSIDERATIONS ON THE ORIGIN OF PHILOSOPHY

Antônio Jorge Soares*

RESUMO: A origem da Filosofia parece se perder nos emaranhados do tempo. Não obstante isto, algumas teses foram ventiladas, reivindicando o nascimento da Filosofia. No presente texto, serão examinadas as teses segundo as quais a Filosofia teria origem no Oriente, particularmente no Egito e na Babilônia, adviria da sabedoria dos chamados Sete Sábios da Grécia Antiga e seria oriunda do mito, antes de se apresentar as considerações finais.
Palavras-chave: Origem da Filosofia. Oriente. Os Sete Sábios. Mitos.

ABSTRACT: The origin of philosophy seems to get lost in the tangles of time. Despite of this, some theories have been considered, claiming the birth of philosophy. In this paper, we will examine the thesis according to which philosophy had its beginning in the East, particularly in Egypt and Babylon, would come from the wisdom of the so-called Seven Wise men of Ancient Greece and would be originated from the myth, before presenting the final considerations.
Keywords: Origin of Philosophy. East. The Seven wise men. Myths.

* Doutor em Filosofia da Educação e Mestre em Lógica pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Tutor do Núcleo de Estudos sobre o Meio Ambiente, Cidadania e Processo – NEMA da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Mossoró – Rio Grande do Norte - Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Tratar de algo que teria ocorrido em nosso próprio tempo já é uma tarefa que se reveste de imensas dificuldades (as especulações a respeito do suicídio de Getúlio Vargas, o assassinato de P. C. Farias ilustram isto), o que dizer, então, de algo que teria ocorrido num tempo tão longínquo do nosso, como é o caso da origem da Filosofia? Teria ela tido origem no Oriente e, só mais tarde, se apresentado nas colônias jônicas? Seria oriunda da mitologia grega, cujos pais seriam Homero e Hesíodo? Seria originária de alguma concepção religiosa, egípcia ou grega? Ou ainda seria uma criação genuinamente grega erigida a partir da autoridade dos chamados "sete sábios" da Grécia Antiga? Eis algumas das questões que trataremos aqui.

Para isto, o presente texto será dividido em três partes centrais, onde se examinarão as seguintes proposições: a Filosofia é oriunda do Oriente, a Filosofia advém da sabedoria dos Sete Sábios gregos, a Filosofia tem origem no mito.

2 A TESE DE QUE A FILOSOFIA É ORIUNDA DO ORIENTE

A tese segundo a qual a Filosofia seria oriunda do Oriente parece se apoiar no fato de Tales, o primeiro filósofo, segundo a tradição grega, e Pitágoras haverem visitado o Egito e a Babilônia, onde travaram conhecimento com os sacerdotes ali existentes. Do Egito, teriam assimilado a Geometria, a Aritmética e a crença na transmigração das almas; e da Babilônia, a Astronomia ali praticada, inclusive o conhecimento da previsão de eclipses, lunar e solar. Esta tese recebe apoio de uma passagem do Timeu (22 b), na qual Platão faz um sacerdote egípcio gabar-se da anterioridade de sua ciência e desdenhar a ciência grega como brincadeira de criança.

Todavia, Platão, que demonstra ter um grande respeito pelos egípcios, afirma, também, que, em face do caráter prático que caracterizava aquele povo, a Geometria, fazendo eco a Heródoto (II, 109), era empregada para medir a faixa de terra fértil que restava após a inundação do Nilo, visando a administrar a partilha entre os agricultores; e a Aritmética servia para calcular os grãos que seriam distribuídos, ou colhidos, e os salários dos trabalhadores.

Mas a vida de um povo dependente de um rio é bastante diferente da

vida de um povo dependente de um mar. Em volta de um rio, tem-se terra; em volta da terra de uma ilha, tem-se o mar. Ora, medir terra é fácil, mas medir a distância de uma nau que se aproxima do porto exige imaginação e sagacidade. Este último elemento faltava ao povo egípcio, mas não ao povo grego; de modo que é o gênio grego que formula os conceitos, daí, aos postulados e, mais tarde, aos axiomas. Esta tese recebe um apoio considerável, quando observamos que os termos até hoje empregados na Geometria e na Aritmética são termos gregos e não se tem notícia do emprego de termos egípcios neste campo do saber.

Algo semelhante pode ser dito a respeito da astronomia babilônica. De fato, se Tales ganhou fama ao prever, segundo cálculos dos astrônomos modernos, em 28 de maio de 585 a.C., um eclipse solar, isto teria ocorrido, segundo Burnet (1994, p. 48), mais por um golpe de sorte de que por conhecimento de causa. De fato, os babilônios sabiam como prever eclipses lunares, mas isto é fácil de ser previsto, mesmo desconhecendo as causas reais do fenômeno. Todavia, um eclipse solar pressupõe conhecimento da paralaxe estelar, uma vez que a Terra não se encontra no centro do sistema solar, e a geometria praticada pelos babilônicos, e mesmo por Tales, não os capacitava a fazer tal previsão. De fato, como ilustram alguns depoimentos da época[1], quando a previsão de um eclipse solar não era corroborada, atribuía-se isto a um bom augúrio. É que o emprego da Astronomia na Babilônia visava a fundamentar as previsões astrológicas; mas os gregos, particularmente os jônicos do século VI a.C., não acreditavam em Astrologia. Com efeito, a Astrologia só entra no mundo grego no séc. III a.C., por influência dos judeus alexandrinos, que passaram a reivindicar a origem da Filosofia para si[2].

Entretanto, a Filosofia, como fora caracterizada pelos gregos, não poderia estar presa a uma casta sacerdotal. A prática do sacerdote é ocultar, ou, pelo menos, não questiona a origem de onde extrai suas máximas. Daí que, seus princípios são dogmáticos. Mas a Filosofia requer o concurso de outros homens, exigindo um livre pensar, um sistema de crítica e de autocrítica apoiado unicamente na força da argumentação racional. Ora, esta condição do livre-pensador não poderia emergir sob a égide de dogmas religiosos, tampouco sob os privilégios e a necessidade de mantê-los, que uma casta sacerdotal pode lançar mão.

1 Ver notadamente SMITH, George. **Assyrian discoveries**, 1875. p. 409.

2 BURNET (1956, p. 24) aponta que a mais antiga alusão à Astrologia no mundo grego encontra-se em: PLATÃO. **Timeu**, 40c9.

Quanto à crença da transmigração das almas, cultivada no Egito, em particular, ela difere substancialmente da doutrina órfica a este respeito. Com efeito, no Egito, a transmigração é uma espécie de purificação da alma que, após ser julgada e constatado que tem merecimento, recebe como prêmio o retorno à vida na Terra. Isto parece ter influenciado os autores do Antigo Testamento, pois, em várias passagens, encontramos a prescrição de que Deus prolonga os anos de vida, aqui na Terra, dos homens bons. Todavia, é um contra-senso acreditar que algo assim pudesse fazer eco entre os gregos. De fato, a transmigração das almas, conforme cultivada pelos órficos, consistia na punição, ou expiação; de modo que, como afirmara Sólon, "triste daquele que nasce" e "melhor seria sequer ter nascido". E, em Platão, no Fédon em particular, um diálogo socrático[3],o corpo é prescrito como o túmulo da alma (65a – 67d).

3 A TESE DE QUE A FILOSOFIA ADVIRIA DOS SETE SÁBIOS

Quanto à tese de que a Filosofia adviria de "Os Sete Sábios", parece também infundada. De fato, embora Tales seja colocado entre eles, Diógenes Laércio, em Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres, faz distinção entre "sábio" e "filósofo", e coloca Anaxímenes, discípulo de Tales, não como sábio, mas como o primeiro filósofo propriamente dito. O epíteto de "sábios" a eles atribuídos parece mais ligado à capacidade de forjar conselhos, ditados, citações ou máximas, de caráter moral, a ponto de Anaxímenes não os considerar como filósofos, mas poetas, no sentido lato deste termo.

E se examinarmos os Comentários à Física, de Aristóteles, de Simplício, iremos encontrar algo mais: as escolas filosóficas não são tão tardias como se pensa comumente, ou advindas de Platão, de Aristóteles, epicuristas etc. Há fortes indícios de que Tales foi fundador de uma escola, da qual Anaximandro seria sucessor (Dógenes Laércio. Vidas, I, 122). Platão também fala de heraclitianos, de pitagóricos, da escola da Eléia (Ver Parmênides, O Sofista e O Político, onde o estrangeiro fala de sua escola ainda em funcionamento).

3 Esta observação é importante, uma vez que, no tempo em que Platão viveu, o orfismo achava-se em decadência, de modo que o orfismo contido nas obras de Platão é socrático e, por isto, só aparece nos textos socráticos de Platão. Assim é que *Mênon* e *Fédon*, como textos socráticos, incorporam elementos do orfismo; o *Fedro*, um texto de transição, já apresenta um certo afastamento desta influência. No *Teeteto*, um texto da maturidade, a reminiscência é prescrita em termos do apriorismo que Kant irá suscitar. Isto desbanca toda e qualquer tese que atribua defesa de elementos órficos a Platão. O máximo que se pode fazer é atribuir a Sócrates.

4 A TESE DE QUE A FILOSOFIA TERIA ORIGEM NO MITO

A tese de que a Filosofia proviria do mito deve ser examinada com cuidado. De fato, a Jônia se situava onde hoje é o território da Turquia e foi palco de sangrentas batalhas entre os milênios e seus vizinhos, os lídios e os hititas. Sendo obrigados a abrir comércio pelo mar, travaram conhecimento com vários povos, principalmente com os egípcios e com os babilônios e, embora recebessem influências destes, não deixaram de ir além; tampouco, o que é mais importante, adotaram as crenças religiosas cultivadas no Egito e na Babilônia[4].

Com efeito, se examinarmos a Ilíada, atribuída a Homero, nome que significa "refém", iremos constatar que Homero está a cantar para os aqueus, para a raça invasora dos vencedores. Isto poderia ter sido feito tanto para enaltecer o heroísmo da resistência troiana quanto para enaltecer o valor da vitória obtida pelos aqueus. Como ele canta para os aqueus, a primeira alternativa deve ser descartada; restando, pois, a segunda. Mas isto poderia ter sido feito para cair nas graças da raça invasora e obter, em contrapartida, certos favores e benefícios. É por isso que os deuses cantados por Homero, o refém, não são mais os deuses primitivos, mas os deuses do povo dominante, dos aqueus, e os rituais de sepultamento dos mortos são substituídos pela prática dos aqueus, qual seja, incinerar os mortos numa pira.

Já em Hesíodo, há o esforço de ressuscitar o culto aos deuses primitivos. É que Hesíodo concebe que a Idade dos Heróis, cantada por Homero na Idade de Bronze, momento em que inicia o governo dos dominantes aqueus, é sucedida pela Idade de Ferro, na qual vive Hesíodo, não mais sob a exaltação do início de um governo da raça invasora, mas pelas conseqüências deste governo que usurpa a riqueza, mediante pesados tributos, e que impõe um panteão diferente.

Restando o solo, de onde o camponês deveria tirar, com sacrifícios, seu sustento, Hesíodo tenta, ao cantar para o camponês, revivar os deuses primitivos, uma vez que estes eram mais próximos do homem, em sua jornada cotidiana e de fácil reconhecimento para o camponês. Todavia, ao erigir uma

4 Burnet, por exemplo, não acredita que os milênios houvessem recebido quaisquer influências religiosas advindas de Homero e Hesíodo, considerados os pais da "Paidéia grega". E nos chama a atenção para o fato de que isto até poderia ser verdadeiro para Atenas, mas nenhum dos primeiros filósofos é ateniense, mas jônico: Tales, Anaxímines, Anaximandro, Heráclito, Pitágoras, Anaxágoras. Além disto, não é o mar Egeu que se abre para Mileto, mas o Mediterrâneo, de modo que não há templo antigo ali, mas só a partir do séc. III a.C.

teogonia em que a origem dos deuses é concebida, Hesíodo a sistematiza "and system is fatal to so wayward a thing as mythology" (Burnet, 1956, p. 6)[5].

Com efeito, o homem primitivo tinha como certo que algo deveria ter ocorrido no início, mas não sentia qualquer necessidade de explicar a origem do mundo e das coisas; acreditava, porém, que algo no fim ou final seria excelente. Parece ter sido Ferécides de Siro que teria atingido seu apogeu entre 544 – 541 a.C., na sua Teogonia, quem introduziu a noção de que, na origem, algo de excelente deveria ter ocorrido ou estaria presente (Cf. Diógenes Laércio, Vidas, I, 116). Por esta razão, Aristóteles o colocou entre os "teólogos" (Aristóteles, Met., I, 3, 983b, 25). Com efeito, Ferécides coloca no princípio Cronos, Ctônio (a Terra, Gaia) e Zás (Zeus). Zeus, transfigurado em Eros (desejo, volições), porquanto deus carente e incompleto e, portanto, não imóvel, teria trazido a concórdia e a harmonia ao caos primordial; de modo que é com Zeus que começa, de fato, o cosmos.

"Caos" quer dizer 'abismo bocejante' ou 'abismo que exala', e "kosmos" significa a "ordem unida" ou a "formação ordenada" de um exército. Ora, a vida cotidiana do homem primitivo era regrada e ordenada, sendo concebida por ciclos, à semelhança das estações dos anos e do nascer, do colher (do produzir) e do morrer. Esse estado de coisas levou à adoção de certas "nomoi"(leis) e a chamar a concordância com estas leis de "dike" (justiça) e a discordância de "adike", (injustiça). Daí por que se explica que a evolução dos astros no céu que parecesse quebrar a lei concebida praticaria uma injustiça. Isto leva à curiosa conclusão de que, contra Aristóteles, o mundo cotidiano é o pressuposto inicial, de onde, mais tarde, gradativamente o mundo natural será concebido. Portanto, a preocupação com o homem não é algo inaugurado pela sofística ou por Sócrates, mas, em verdade, eles estão estabelecendo um retorno ao tema. Isto explica por que esta inscrição tão antiga se encontra no Templo de Delfos: "Homem, conhece-te a ti mesmo".

Mas, então, de onde vem a Filosofia e que contribuição ela nos legou? Burnet chama a atenção para o fato de que a civilização Minuana, localizada nas proximidades da ilha de Creta, é tão antiga e próspera quanto as civilizações egípcia e babilônica, de modo que ela poderia muito bem ter influenciado estas duas últimas.

De fato, escavações arqueológicas e resultados de pesquisas geológicas

5 "e o sistema é fatal para algo tão volúvel quanto a mitologia".

mostram que Thira, uma ilha do poderoso império minuano, sendo seu centro comercial, explodiu, a segunda maior explosão nos últimos dez mil anos, suplantada apenas pela de Tambora (1815), destruindo a próspera cidade e o porto existente no centro da ilha e provocando tsusinames na costa de Creta, levando gás sulfuroso numa nuvem de trinta metros de altura. Embora alguns minuanos sobrevivessem, a invasão dos aqueus foi-lhes fatal. É dali que Burnet aponta os primórdios da sabedoria grega, e é por isto que ele considerava a ciência e a Filosofia do séc. VI a.C. como continuação daquilo que fora criado pelos minuanos que conseguiram alcançar a Jônia, e cujos resíduos encontrar-se-iam apenas no Egito e na Babilônia.

5 CONCLUSÃO

Não recebendo influência dos mitos, da astrologia, do Oriente nem dos Sete Sábios, a Filosofia é uma criação genuinamente jônica; portanto, grega. O interesse pela natureza não precedeu nem dispensou os valores da vida cotidiana, mas a necessidade de apresentar as coisas em concepções discursivamente coerentes forjou a necessidade de erigir discursos racionais, purificando-os, o quanto era possível ao homem daquele tempo, do mito e da religiosidade[6]. Isto suscitou a necessidade de estabelecer regras do pensar que culminaram, mais tarde, na sistematização de Aristóteles. A eticidade, não só para agir no meio dos pares, mas também para apresentar as provas argumentativas daquilo que se defendia, culmina em Sócrates e em Platão, havendo este último exigido que ela estivesse presente no exercício da Política. A liberdade de pôr as questões, de explicar os problemas e de empregar programas de pesquisa conscientemente são legados dos gregos ao Ocidente.

É por isto que Tales se apresenta, no dizer de Nietzsche (1973, p. 16-18), como o primeiro filósofo. Com efeito, ao dizer que o princípio gerador de todas as coisas é a água, ultrapassou, num salto fantástico, a multiplicidade das coisas, algo que as parcas observações que era capaz de fazer no seu tempo não o autorizava; ao dizer que a água, um componente material, era o começo de todas as coisas, saltou para longe de seus contemporâneos supersticiosos (sacerdotes, 'teólogos' e videntes); ao proferir "água" como princípio de tudo, elaborou os

6 Salvo, talvez, em Pitágoras, embora, para ele, os números assumissem o papel de deuses: objeto de culto e de admiração. Mas, mesmo em Pitágoras, as demonstrações racionais exerciam papel preponderante.

rudimentos de uma hipótese científica, recurso que a humanidade jamais viria a esquecer, ou nele se espelhar, não obstante alguns haverem dito que não usavam hipótese (Newton, por exemplo). Seria, em Tales, uma hipótese certamente falsa, mas ao reduzir toda multiplicidade ao um, ao uno, na água, Tales tem sido, com justiça, convertido no primeiro filósofo propriamente dito.

REFERÊNCIAS

BURNET, John. **O despertar da filosofia grega**. Tradução de Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. **Early greek philosophy**. 4.ed. London: Adam & Charles Black, 1956.

DIÓGENES, Laércio. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução e notas Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1988.

HERÓDOTO. **História**. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

NIETZSCHE, F. **Tales de Mileto**. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores, v. 1).

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Macio Pugliesi e Edson Bini. São Paulo: Hemus, 1974.

_____. **Timeu**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Univ. Federal do Para, 1986 (Coleção de Platão. Diálogos, v. 11).